



CONTRIBUIÇÕES DOS CLÁSSICOS À IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE: WEBER E SIMMEL EM FOCO¹

Contributions of the classics to cultural identity in postmodernity: Weber and Simmel in focus

Sibele Souza Rodrigues^{2*}

Natália Rodrigues Codeço Ribeiro^{3*}

Letícia Gonçalves de Mattos^{4*}

Letícia Tostes Vieira Bolckau^{5*}

Paulo Henrique Prado da Silva^{6*}

RESUMO

Este artigo se propôs, a partir de uma pesquisa teórica com levantamento bibliográfico, a investigar as contribuições de Weber e Simmel para a compreensão da identidade cultural pós-moderna proposta por Hall. Buscou-se analisar como Weber, a partir da sociologia compreensiva e de conceitos como ação social e tipo ideal, apresenta perspectivas que impactaram a formação do sujeito moderno, auxiliando na apreensão da construção de significados e identidades em contextos sociais em constante transformação, bem como de suas implicações na identidade pós-moderna. Simmel, por outro lado, foca nas interações sociais e nas formas que constituem a "sociedade", discutindo a internalização e a reinterpretação dos elementos culturais. No contexto da pós-modernidade, Hall compreende as identidades culturais como fluidas e fragmentadas.

¹ Esse artigo é resultado de pesquisa realizada com recursos da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

^{2*} Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Mestranda em Sociologia Política (PPGSP) pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e Graduada em Pedagogia pela mesma instituição. E-mail: r.souza.sibele@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4471-8914>.

^{3*} Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Mestranda em Sociologia Política (PPGSP) pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Especialista em Direito Civil e Processo Civil e Graduada em Direito pelo Centro Universitário Fluminense (UNIFLU). E-mail: nataliarcdecor@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0670-4192>.

^{4*} Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Mestranda em Sociologia Política (PPGSP) pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Pós-graduada em Educação e em Gestão pela Faculdade Única de Ipatinga e Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: mattosgleticia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0547-2953>.

^{5*} Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Mestranda em Sociologia Política (PPGSP) na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Especialista em Direito Internacional e Direitos Humanos (PUC MINAS) e Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Cândido Mendes (UCAM Campos). E-mail: tvb.leticia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6603-0459>.

^{6*} Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Doutorando e Mestre em Sociologia Política (PPGSP) pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: 1pradopaulo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7811-7876>.

Concluiu-se que as análises de Weber sobre o protestantismo e o ethos individualista, junto às contribuições de Simmel acerca da fragmentação do sujeito moderno, dialogam com o conceito de sujeito pós-moderno proposto por Hall, evidenciando como ambos os autores já apontavam para a fragmentação e a fluidez identitária, centrais nas reflexões contemporâneas.

Palavras-chave: clássicos das ciências sociais; Max Weber; Georg Simmel; Stuart Hall; identidade cultural da pós-modernidade.

ABSTRACT

This article aimed, through a theoretical investigation based on a bibliographic survey, to explore the contributions of Weber and Simmel to the understanding of postmodern cultural identity as proposed by Hall. It sought to analyze how Weber, through comprehensive sociology and concepts such as social action and ideal type, presents perspectives that have impacted the formation of the modern subject, assisting in the apprehension of the construction of meanings and identities in constantly transforming social contexts, as well as their implications for postmodern identity. Simmel, on the other hand, focuses on social interactions and the forms that constitute “society,” discussing the internalization and reinterpretation of cultural elements. Hall, within the context of postmodernity, understands cultural identities as fluid and fragmented. It was concluded that Weber’s analyses regarding Protestantism and the individualistic ethos, along with Simmel’s contributions concerning the fragmentation of the modern subject, engage with Hall’s concept of the postmodern subject, highlighting how both authors pointed to identity fragmentation and fluidity, which are central to contemporary reflections.

Keywords: classics of social sciences; Max Weber; Georg Simmel; Stuart Hall; cultural identity of postmodernity.

1. INTRODUÇÃO

A identidade cultural, em constante transformação, pode ser observada como um dos maiores desafios de compreensão nas sociedades contemporâneas. De modo que para desvendar suas complexidades, podemos contar com as contribuições dos clássicos das ciências sociais, cujas análises permanecem relevantes ao longo do tempo. Sendo assim, autores como Weber e Simmel, com suas investigações sobre a modernidade, oferecem chaves importantes para entender as dinâmicas culturais e identitárias na pós-modernidade, conforme discutido por Stuart Hall.

Nesse sentido, Hall em suas análises, argumenta que as identidades culturais na pós-modernidade não são fixas, mas sim dinâmicas e em constante transformação, refletindo as mudanças sociais e culturais da modernidade tardia. Desta forma, a opção, de trazer os clássicos para a compreensão dessa temática, se relaciona no potencial que esses autores tiveram em prever descobertas que marcam o tempo presente, consolidando-se como ferramentas analíticas poderosas para o entendimento da sociedade. Weber, com suas reflexões sobre a racionalização e a ética

protestante, e Simmel, com suas análises sobre a subjetividade e a fragmentação cultural, permanecem como pilares para a análise das dinâmicas sociais que estruturam a identidade no mundo pós-moderno.

Por tudo isso, o presente trabalho se orienta pela seguinte questão: como as contribuições de Weber e Simmel podem ser articuladas à perspectiva da identidade cultural na pós-modernidade proposta por Stuart Hall? Diante desse questionamento, o objetivo principal deste artigo é investigar como os conceitos desenvolvidos por pelos teóricos clássicos ajudam a compreender a reconfiguração das identidades culturais em tempos de fluidez e pluralidade, conforme observado por Hall.

Para tanto, este trabalho se estrutura como uma pesquisa teórica, com abordagem qualitativa e análise bibliográfica como principal ferramenta metodológica. Utilizamos, assim, as obras de Weber, Simmel e o livro "A identidade cultural na pós-modernidade" de Stuart Hall (2006) como principais fontes para essa investigação. Destacamos "A 'objetividade' nas ciências sociais e culturais" (2003) e a "A ética protestante e o espírito do capitalismo" (2004) como os escritos de Weber, cujos conceitos-chave pretendemos identificar e pontuar a fim de articular com os apontamentos de Hall (2006) sobre identidade cultural.

No que tange aos escritos de Simmel, evidenciamos: "O dinheiro na cultura moderna" (1998b) e "A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva" (1998a). A partir dessas obras, discutiremos brevemente a teoria social e metodológica de Weber e Simmel, para em seguida articular as contribuições desses clássicos à perspectiva da identidade cultural na pós-modernidade, no âmbito apresentado por Stuart Hall (2006). Esse último autor, destaca o impacto do protestantismo na construção do sujeito moderno, principalmente no sentido do individualismo, associando essas questões ao sujeito do iluminismo. Weber⁷ (2004) também trata sobre o protestantismo em seu livro "A ética protestante e o espírito do capitalismo", enunciando aspectos da ética protestante que foram internalizados pelos indivíduos e contribuíram para a sua fragmentação ao longo do tempo. Isso pode ser entendido como análises precursoras da percepção do sujeito pós-moderno de Hall (2006).

No caso de Simmel, Hall (2006) o cita como um dos autores que conseguiram captar de maneira profética as mudanças que ocorreram com o sujeito moderno, considerado até então como sujeito unificado. Sublinhamos, aqui, os apontamentos de Simmel (1998a) sobre a cultura objetiva e

⁷ Esse autor não é citado em *A identidade cultural na pós-modernidade* (Hall, 2006).

a subjetiva, analisando os processos de subjetivação do sistema capitalista já consolidado, que também indicavam uma fragmentação do sujeito, como o dinheiro (Simmel, 1998b).

Considerando esses trabalhos, analisaremos como as reflexões de Max Weber e Georg Simmel, dois dos principais teóricos da modernidade, oferecem ferramentas valiosas para a compreensão das dinâmicas culturais e identitárias no contexto da pós-modernidade. A partir de conceitos como racionalização, desencantamento e fragmentação, buscamos evidenciar como a subjetividade e a cultura, já problematizadas na modernidade, se reconfiguram em novas formas identitárias. Assim, propomos um diálogo entre os clássicos e as teorias contemporâneas, destacando como suas contribuições permanecem relevantes para pensar as identidades culturais em tempos marcados por fluidez, pluralidade e crise.

2.A IMPORTÂNCIA DOS CLÁSSICOS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS CONTEMPORÂNEA

Os clássicos nos ensinam a formular perguntas, mais do que entender as questões em si, podendo suas ideias ser utilizadas como referenciais teóricos e metodológicos. Segundo as ideias de Jeffrey Alexander (1996, p. 24),

um clássico é o resultado do primitivo esforço da exploração humana que goza de *status* privilegiado⁸ em face da exploração contemporânea no mesmo campo. O conceito de *status* privilegiado significa que os modernos cultores da disciplina em questão acreditam poder aprender tanto com o estudo dessa obra antiga quanto com o estudo da obra de seus contemporâneos.

Nesse sentido, o que torna um autor um clássico ou não é a forma como as suas obras são utilizadas no presente, isto é, as percepções que os seus escritos auxiliam a construir. Portanto, os clássicos da teoria social, consistem para autores como Giddens (1998, p. 15), em “[...] fundadores que ainda falam para nós com uma voz que é considerada relevante. Eles não são apenas relíquias antiquadas, mas podem ser lidos e relidos com proveito, como fonte de reflexão sobre problemas e questões contemporâneas”.

É possível observar, durante a análise das obras clássicas, contextos como os sócio-históricos e culturais, bem como as formulações conceituais em um processo de desconstrução que visa analisar criticamente o que fundamenta as ideias “presentes” nesses textos e as interpretações que foram realizadas ao longo do tempo.

⁸ Pontuamos que o objetivo deste trabalho não versa em analisar os critérios que instituíram determinados autores como clássicos da teoria social contemporânea. Se assim o fosse, iríamos investigar perspectivas como geopolítica do conhecimento e decolonialidade. Mas com o objetivo de diálogo, não de exclusão em um essencialismo inverso.

Dialogando com a perspectiva de Derrida (1986) citada por Alexander (1996, p. 55), que “todo texto é uma construção intencional e não o reflexo de uma dada realidade”. Logo, os textos envolvem um jogo sutil, entre ausência e presença, que impacta a compreensão do significado. A ausência está ligada às limitações e as ambiguidades da linguagem, que promovem um adiamento do significado e das intenções do autor, que nunca estão totalmente presentes. Isso permite interpretações contínuas, em um processo crítico inacabado (Alexander, 1996).

Além disso, há diversos contextos nos quais nós como leitores estamos inseridos, como psicológicos, físicos e sociopolíticos. Esses contextos influenciam o modo como interpretamos o texto (Giasson, 1993). O leitor situa-se “[...] no centro do processo de interação entre o conhecimento novo que o texto traz e o conhecimento velho que o leitor possui, em que o sentido é ‘negociado’ e a relevância é encontrada” (Fujita, 2022, p. 147).

Dando ênfase a essa perspectiva crítica da interpretação dos clássicos, há construções teóricas e metodológicas, como a desenvolvida por Guerreiro Ramos (1996), intitulada “Redução sociológica”. Essa perspectiva intenciona contextualizar o conhecimento, chamando atenção para não universalizarmos ideias desenvolvidas em contextos eurocentrados, que não dialoguem com as particularidades de contextos como o nosso. Sendo assim, para esse autor,

[...] à assimilação literal e passiva dos produtos científicos importados, ter-se-á de opor a assimilação crítica desses produtos. Por isso, propõe-se aqui o termo redução sociológica para designar o procedimento metódico que procura tornar sistemática a assimilação crítica (Ramos, 1996, p. 68).

Portanto, não parece ser um problema utilizarmos os clássicos, a fim de entendermos questões de sociedades como a nossa, porém o desafio de contextualizarmos de modo crítico a nossa interpretação. Para Alexander (1996, p. 55), “[...] os cientistas sociais, imersos em fórmulas clássicas e disciplinados pelo que tomam por seu legado, não conseguem perceber que são eles mesmos, com suas interpretações e interesses teóricos, que transformam os textos em clássicos e dão a cada um destes um significado atual”.

3. MÉTODO E TEORIA SOCIAL DE MAX WEBER

Max Weber⁹ desenvolveu uma análise interpretativa da sociologia, conhecida como

⁹ Sociólogo alemão, que nasceu em 1864 e faleceu em 1920. Foi amigo de outro sociólogo alemão, cujas ideias serão discutidas neste trabalho, Georg Simmel. Sua formação acadêmica consistia em Direito, mas com profundas incursões pela História, Economia, Filosofia e mesmo Teologia. Destacamos aqui a importância de Marianne Weber à obra do autor. Marianne Weber foi uma feminista, escritora alemã e esposa de Max Weber, uma das responsáveis por organizar e trazer maior clareza teórica à obra do sociólogo (Cohn, 2004).

compreensiva, com o intuito de entender como os indivíduos atribuem sentido às suas ações e, por intermédio delas, constroem a realidade social. Segundo Cohn (2003a), essa compreensão não significa buscar interpretar a personalidade dos indivíduos, mas sua experiência e os nexos causais a ela articulados. O autor pontua que,

[...] a compreensão envolve antes de qualquer suposta “evidência imediata”, dois recursos analíticos fundamentais: o acesso a um conhecimento “nomológico”, referente a regularidades observáveis de conduta dos agentes, e a construção de tipos. Ambos esses recursos, por sua vez, envolvem a consideração de valores, como princípios últimos orientadores da conduta: no primeiro caso, porque a observação de regularidades da conduta implica considerar as linhas alternativas de ação abertas para os sujeitos pelos valores vigentes no contexto em que agem; no segundo, porque é com referência a valores determinados, vigentes para o pesquisador, que se terão os critérios para os procedimentos seletivos inerentes à construção de tipos – e, sobretudo, que se despertará o interesse pela busca de nexos causais entre os fenômenos (Cohn, 2003a, p. 122).

Ademais, para Weber a realidade social é construída por meio das ações sociais dos indivíduos, motivadas por significados subjetivos. Essas ações, entre indivíduos, são concretas e constituem um processo ao invés de ações isoladas (Cohn, 2003b). Portanto, ação social “é aquela ação orientada significativamente pelo agente conforme a conduta de outros e que transcorre em consonância com isso” (Cohn, 2003b, p. 27-28).

Na ação social, o comportamento de um indivíduo está ligado ao de outro por meio das interações. Esse processo precisa ter um sentido que o justifique, sendo esse sentido o que determina se uma ação é ou não social. Além disso, a ação social não se refere diretamente à satisfação fisiológica do indivíduo, como a necessidade de comer, por exemplo. Portanto, o sentido da ação voltada para o outro é atribuído pelo indivíduo e pode ser consciente ou não, já que nem toda ação social envolve plena consciência.

A questão do sentido da ação não se refere à neutralidade de valores, mas à liberdade desses valores, que estão ligados aos motivos que fundamentam as ações (Cohn, 2003). Algumas perspectivas, mesmo não sendo ações sociais, influenciam seus significados e moldam a estrutura social — como a classe (situação econômica), o estamento (situação de status) e o partido (situação de poder voltada à conquista do poder¹⁰).

¹⁰ Weber também estudou temas como burocracia e tipos de dominação. Sobre a dominação, o autor organizou o tema em: dominação tradicional; dominação carismática e dominação racional-legal (Cohn, 2004). Articulado a isso, o autor propôs tipos de líderes, como os carismáticos, os quais ele cita, de modo implícito, no final do livro “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (Weber, 2004). Os tipos de líderes propostos por Weber foram: líderes tradicionais; líderes carismáticos e líderes racionais-legais (Cohn, 2004).

Dentro dessa lógica, a tipologia de ação social proposta por Weber, ao diferenciar entre ações racionais e não racionais¹¹, busca refletir a complexidade dos significados atribuídos pelos agentes. Além disso, Weber utiliza a dicotomia entre o interno e o externo, trabalhando com a ideia de causalidade interna e adotando a multicausalidade para explicar a pluralidade das motivações humanas.

Adicionalmente, para Weber a realidade social se articula à diferenciação das racionalidades, que vão em diversas direções e cuja tendência é o desequilíbrio. Ele não vê esse desequilíbrio como algo negativo ou patológico. As categorias das racionalidades da ação de Weber se alinham precipuamente a perspectiva adaptativa¹², ao invés da criatividade (Weber, 2004, p.58).

O autor também argumenta que é impossível conhecer a coisa em si e, por isso, o conhecimento honesto deve reconhecer suas limitações. Assim, quando conhecemos algo, acessamos apenas um fragmento daquela realidade (Weber, 2003). Por meio dos tipos ideais, Weber buscava compreender determinadas realidades ou, mais precisamente, fragmentos dessas realidades. Ao utilizar um tipo ideal, o pesquisador abstrai diversas características do objeto em análise.

O tipo ideal, portanto, é um recurso metodológico proposto por Weber para investigar e representar determinadas ações sociais. Para o sociólogo, com base na observação de um indivíduo em interação com outros, é possível compreender modelos culturais compartilhados, tanto sob a perspectiva dos grupos quanto da subjetividade. Desse modo, o autor destaca que,

No que se refere à investigação, o conceito do tipo ideal propõe-se formar o juízo de atribuição. Não é uma “hipótese”, mas pretende apontar o caminho para a formação de hipóteses. Embora não constitua uma exposição da realidade, pretende conferir a ela meios expressivos unívocos. [...] Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento. Torna-se impossível encontrar empiricamente na realidade esse quadro, na sua pureza conceitual, pois trata-se de uma utopia (Weber, 2003, p. 106).

O autor criticava investigações sociológicas que buscavam “enfiar a realidade em conceitos genéricos abstratos” (Weber, 2004, p. 36). Dando ênfase assim, ao individualismo metodológico em

¹¹ Isso consiste em uma das maiores críticas aos estudos de Weber, uma vez que, esse autor parece contrapor os aspectos racionais aos afetivos. Contudo, existe racionalidade na afetividade. Os tipos de ação para ele são: ação racional com relação a fins, ação racional com relação a valores, ação afetiva e ação tradicional.

¹² Esse ponto é alvo de críticas, as quais afirmam faltar à teoria da ação weberiana, a perspectiva criativa na análise dos tipos ideais.

suas obras, “a finalidade da formação de conceitos de tipo ideal consiste sempre em tomar rigorosamente consciência não do que é genérico mas, muito pelo contrário, do que é específico a fenômenos culturais” (Weber, 2003, p. 116).

Entretanto, é importante destacar que, embora o ponto de partida de Weber fosse uma microsociologia, ele transcendia esse aspecto em suas investigações. Suas análises, portanto, partiam da microsociologia e se estendiam para uma meso e macrosociologia. Além disso, destacamos que Weber trabalha na lógica do *devir*, ou seja, do que está em constante mudança, perspectivas que demandam constante análise e reanálise. Algo que pode ilustrar isso é que, ao longo de sua obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, Weber (2004) sempre destaca o caráter provisório do conceito do espírito do capitalismo discutido. Reconhecendo o dinamismo das transformações sociais.

4. MÉTODO E TEORIA SOCIAL DE GEORG SIMMEL

No caso de Georg Simmel¹³, por sua vez, sugeriu em seus escritos que a sociologia, como ciência empírica consolidada, precisava de um campo ou objeto de estudo próprio, que a diferencia de outras ciências histórico-sociais (Simmel, 1993b). Nesse sentido, o autor propôs três formas complementares de sociologia, são elas a saber: formal, geral¹⁴ e filosófica. O foco das investigações sociológicas de Simmel foi a sociologia formal, que segundo Moraes Filho (1993, p. 24)

tem como objeto as formas sociais, como organizadoras apriorísticas da matéria social, dando-lhe estrutura e continuidade. São relações duráveis, irredutíveis, independentes dos múltiplos conteúdos concretos, infinitamente variáveis, que se apresentam no universo pluralista das relações intersubjetivas, quer na família, na escola, na profissão, no exército, na igreja, nos partidos políticos, etc.

A sociedade é possível graças às interações entre os indivíduos (Simmel, 1993b), que consistem em “ações recíprocas que sempre acontecem com determinados fins” (Simmel, 1983, p. 59). Essas interações constituem o processo denominado pelo autor como *sociação*¹⁵ e são

¹³ Sociólogo alemão que nasceu em 1858, em uma família judia abastada, que se converteu ao protestantismo. Simmel faleceu em 1918, na França.

¹⁴ A sociologia geral é “um subproduto da sociologia formal, tendo por objeto a análise do funcionamento e dos processos particulares, as condições específicas e as bases das instituições sociais”, enquanto a filosófica “repensa todos os pressupostos metodológicos da disciplina, permite ao sociólogo uma visão trans-sociológica do indivíduo criador” (Moraes Filho, 1983, p.22).

¹⁵ O termo proposto pelo autor é *Vergesellschaftung*, e Moraes Filho traduziu como “sociação” inspirado pela tradução dos simmelianos estadunidenses. Esse termo traz a ideia do dinamismo inerente à sociedade, proposto por Simmel (Moraes Filho, 1983).

motivadas por “tudo quanto existe no indivíduo (portadores concretos e imediatos de toda a realidade histórica) – como instinto, interesse, fim, inclinação, estado ou movimento psíquico –, tudo enfim capaz de originar ação sobre outros ou a recepção de suas influências”, (Simmel, 1983a, p.60). Esse é o conteúdo ou a matéria da sociação. Além disso, ela é constituída pelas “formas que essas motivações assumem. Por isso mesmo, nesse processo, há que se distinguir entre forma e conteúdo”¹⁶, para análise sociológica (Moraes Filho, 1983, p. 21).

Simmel, de modo metafórico, chamava a sociologia de geometria social¹⁷ (Moraes Filho, 1983), dando ênfase a essa dualidade forma e conteúdo. Sobre o ponto de partida do processo de sociação, Simmel (1983c, p.60) sublinha:

A sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração, que caem sob o conceito geral da interação. A sociação é, assim, a forma realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual se realizam interesses.

Portanto, as “interações indicam que os indivíduos, movidos por seus instintos e objetivos, unem-se, formando uma unidade chamada “sociedade”” (Simmel, 1983c, p. 60). Essa unidade consiste na soma de todas as formas de sociação¹⁸, com as motivações das interações sociais assumindo diferentes formas, como amizade, competição e conflito¹⁹. Este último não é entendido como algo patológico; pelo contrário, é visto como uma maneira que pode auxiliar na coesão social (Simmel, 2011). Desse modo, nem a separação espacial entre os indivíduos, nem a temporal – entre as gerações – impede a construção dinâmica da unidade orgânica de um todo complexo, que constitui a “sociedade”. Assim, a “união espiritual triunfa” (Simmel, 1983a, p.50) entre os indivíduos, estruturando a sociedade de maneira coesa a partir dos elementos interdependentes da sociação, que interagem, se influenciam reciprocamente e cooperam entre si.

Por isso, de modo geral, Simmel (1983b, p. 82-83) apontou a sociedade “como a interação psíquica que se verifica entre os indivíduos”. Esses elementos psíquicos, inerentes aos aspectos

¹⁶ Esse dualismo é o que mais se destaca na obra de Simmel, que utilizou amplamente desse recurso em suas análises, por meio de outros dualismos como indivíduo/liberdade (Simmel, 1998b).

¹⁷ No mesmo sentido dessa metáfora Simmel desenvolve conceitos como determinações numéricas das sociações, articulando-as a círculos mais extensos ou menos extensos, ou seja, ao número de indivíduos envolvidos nas interações sociais (Moraes Filho, 1983; Simmel, 1998a).

¹⁸ Pontuamos também que o processo de sociação pode variar em graus, dependendo do tipo e da intimidade inerente à interação social (Simmel, 1983c). E “aspectos que preenchem a vida, como fome, amor, trabalho e religião não consiste em sociação, no que Simmel chamou, em “sentido puro” (Simmel, 1983c, p.60).

¹⁹ Simmel evidenciou os aspectos positivos do conflito, destacando-o como uma forma social destinada “a resolver dualismos divergentes, é uma maneira de conseguir algum tipo de unidade, mesmo que seja através da aniquilação de uma das partes em litígio”(Simmel, 2011, p. 568)

espirituais dos indivíduos, demandam uma observação interna do social e a construção de categorias simbólicas²⁰. Contudo,

Por mais que as categorias psicológicas sejam indispensáveis para a descrição dos fatos, não constituem a finalidade da análise sociológica. Esta "consiste somente na realidade **objetiva** da sociação, realidade que, para ser segura, se sustenta em processos psíquicos, único meio às vezes de descrevê-lo" (Simmel, 1983c, p. 75, grifo nosso).

A sociologia sugerida por Simmel, ao mesmo tempo que evidencia forma e conteúdo como elementos da sociação inextricavelmente inseparáveis (Moraes Filho, 1983), propõe que as análises sociológicas devem ter como objeto as formas sociais, deixando o conteúdo para outras ciências²¹ (Simmel, 1983c). Nesse sentido, a teoria social de Simmel é conhecida como uma sociologia dos sentidos, uma análise “dos processos microscópico-moleculares, por assim dizer, que se oferecem no material humano, mas que constituem o verdadeiro acontecer, que mais tarde se organiza ou hipostasia naquelas unidades e sistemas fortes, macroscópicos” (Simmel, 1983c, p. 72). E o ponto de partida da microanálise simmeliana consiste em um processo de abstração (Moraes Filho, 1983).

Esse processo de abstração constrói formas puras, as quais “podem nunca ser encontradas na história; são obtidas pela exageração de certas características dos dados reais, até o ponto em que se tornam "linhas e figuras absolutas", funcionam como “tipos-ideais” (Moraes Filho, 1983, p. 22). Contudo, Simmel definiu em suas obras a ideia de forma pura antes de Weber propor os tipos ideais como método de investigação sociológica (Moraes Filho, 1983). Além disso, assim como na sociologia de Weber, a Simmeliana também parece seguir a lógica do *devoir*. Nesse contexto, Moraes filho (1983, p. 21) enuncia que

como ciência empírica, a sociologia deve ter por campo ou objeto a multiplicidade de interações, numa incessante vida de aproximação e de separação, de consenso e de conflito, de permanente vir-a-ser. A sociedade não é algo estático, acabado; pelo contrário, é algo que acontece, que está acontecendo. O objeto da sociologia são esses processos sociais, num constante fazer, desfazer e refazer, e assim incessantemente. É através das múltiplas interações de **uns-com-os-outros, contra-os-outros e pelos-outros**, que se constitui a sociedade, como realidade inter-humana” (grifos nossos).

Além disso, Simmel (1998a) destaca a importância de definir as fronteiras no âmbito da

²⁰ Em algumas obras Simmel dá ênfase às perspectivas simbólicas da linguagem e por conta desses aspectos é um autor muito utilizado pelo interacionismo simbólico, por exemplo (Moraes Filho, 1983).

²¹ Vale destacar que "a categoria de conteúdo e forma é uma das mais relativas e subjetivas em todo o campo do pensamento. O que, de um ponto de vista, é forma, de outro, é conteúdo, e a oposição conceitual entre ambos se apaga, muitas vezes, ao ver-se mais perto, em distinção apenas gradual entre a determinação geral e especial" (Simmel, 1893, p.309 *apud* Moraes Filho, 1983, p. 15).

cultura para a sociologia, mesmo que essas fronteiras sejam móveis. Conforme o autor, a natureza fornece a base para o desenvolvimento cultural, havendo uma relação de complementaridade entre a natureza e a cultura. Portanto, “uma energia ou indicação dada pela natureza [...] forma o pré-requisito para o conceito de cultura, pois, da perspectiva deste, os valores da vida são justamente natureza cultivada (Simmel, 1998a, p. 1). A cultura não consiste em substância, entretanto um processo de formação, autoformação e vivências, um conjunto de possibilidades que demanda escolhas e cultivo. Portanto, Simmel (1998a, p. 2) destaca que,

na medida em que cultivamos as coisas, isto é, elevamos sua medida de valores para além do que foi realizado por seus mecanismos naturais, cultivamos a nós mesmos: é o mesmo processo que sai de nós e a nós retoma - de elevação de valores que alcança a natureza fora de nós ou a natureza em nós.

Simmel organiza a cultura em dois aspectos principais: cultura objetiva e cultura subjetiva (Simmel, 1998a). O primeiro aspecto consiste na perspectiva coletiva da cultura, “a representação ou a condensação - perfeita ou imperfeita - daquela verdade objetivamente válida, da qual nosso conhecimento é uma cópia” (Simmel, 1998a, p. 9). Isto é, a cultura objetiva é constituída pelas representações, conceitos, normas e proposições, que são considerados previamente válidos e consolidados, como determinadas instituições e conhecimentos. Os elementos da cultura objetiva são compartilhados na sociedade e existem além da existência individual, servindo de base para os conteúdos da nossa vida.

A cultura subjetiva, por sua vez, está ligada à perspectiva individual da cultura, consistindo naquilo “que é próprio do plano da alma [...] como significação própria da existência, contraposto a toda objetividade” (Simmel, 1998a, p. 29). Portanto, consiste na relação dialógica entre elementos do conteúdo da socialização, na perspectiva psíquica e na personalidade, contrastadas com as perspectivas objetivas, ou seja, como internalizamos os produtos culturais objetivos a nossa identidade. Segundo Simmel (1998a), o importante não é a cultura objetiva ou a cultura subjetiva, mas a relação entre ambas, que será discutida com mais detalhes no próximo tópico.

5. PERSPECTIVAS SOBRE MODERNIDADE E CULTURA PARA A COMPREENSÃO DA IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE

Após uma breve apresentação de alguns aspectos das teorias sociais de Weber e Simmel, caminhamos agora para nos aprofundar no debate que o artigo se propôs a fazer. Nesse sentido, cabe começarmos destacando que o período histórico que ambos realizaram suas análises

sociológicas é conhecido como modernidade. Atualmente, há uma grande discussão teórica sobre o período histórico em que nos encontramos. Alguns autores defendem que ainda vivemos na modernidade, mas em uma modernidade tardia²², enquanto outros defendem que estamos na pós-modernidade²³. Nesse tópico, analisaremos essas perspectivas e sua relação com a cultura e a identidade.

Começamos destacando que Max Weber buscou compreender a modernidade a partir de perspectivas como a racionalização. Para ele, a modernidade não é caracterizada por uma “ruptura” abrupta com o passado medieval, mas por um processo gradual em que explicações mágicas e religiosas foram sendo substituídas por visões cuja base constituem em racionalidades, como a científica. Ele chama esse processo de “desencantamento do mundo” (Turner, 2005).

Segundo Weber, essa racionalidade desenvolvida no Ocidente, diferente de outras civilizações, possibilitou a criação de estruturas sociais baseadas na burocracia, na ciência e nas leis formais. Nesse sentido, Schluchter (1996, p. 108, tradução nossa), ao analisar as ideias de Weber, ressalta que "a modernidade transforma as estruturas culturais e sociais através da crescente racionalização, o que gera maior previsibilidade e eficiência, mas também resulta em uma perda de significado e autonomia individual".

Diante disso, cabe destacar, que o processo de “desencantamento do mundo” busca compreender uma mudança qualitativa em função da religião na sociedade moderna e não o seu desaparecimento. A religião continua presente, mesmo tendo perdido sua posição hegemônica na sociedade e na explicação da realidade. Contudo, ainda opera tanto conferindo sentido subjetivo à vida dos indivíduos quanto nas relações que estabelece com outras esferas da vida social. Dessa forma, Schluchter, (1996, p. 7, tradução nossa) ao citar Marquard (1987) destaca que se esse autor “estiver certo [...] para Weber, a fronteira de poder entre os seres humanos e Deus nunca perdeu completamente sua importância”.

Além disso, Weber observa que os impactos da modernidade na base cultural geram uma fragmentação das esferas de valor — ciência, política, economia — que passam a funcionar de maneira independente, sem uma ética unificadora. Ele destaca que esse processo também traz desafios, como a desumanização causada pela burocracia, que pode sufocar a criatividade e a subjetividade humana (Turner, 2005). Nesse sentido, a cultura moderna, para Weber, é marcada por

²² “Segunda metade do século XX” (Hall, 2006, p. 34).

²³ Lyotard e Bauman são exemplos de autores que defendem a ideia de que vivemos em uma sociedade pós-moderna.

uma tensão entre as forças objetivas das instituições racionais e os valores subjetivos dos indivíduos que buscam dar sentido às suas vidas em um mundo cada vez mais desencantado.

No entanto, ao contrário de Simmel, que enfatiza a interação direta entre o espírito subjetivo e o espírito objetivo na cultura, Weber enfatiza o impacto das instituições objetivas na formação da cultura. Ele ressalta a perspectiva subjetiva das ideias, mas observa que elas adquirem poder de influenciar as ações sociais quando institucionalizadas (Schluchter, 1996), por meio, por exemplo, da religião calvinista analisada pelo autor em “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (Weber, 2004).

Georg Simmel, também destaca em seus trabalhos os aspectos da subjetividade e da objetividade. Contudo, o teórico parece analisar as interações sociais, focando nas experiências individuais no contexto moderno. Para ele, a modernidade é um processo ambivalente que, ao mesmo tempo, oferece mais liberdade ao indivíduo e intensifica a alienação (Tedesco, 2007). Na sua obra “Filosofia do dinheiro”, Simmel explora como o dinheiro, na modernidade, transforma as relações sociais, destacando que “o dinheiro é o símbolo da modernidade, afetando profundamente as interações humanas” (Tedesco, 2007, p. 60).

Para o autor, a vida nas grandes cidades é marcada por interações rápidas e superficiais, refletindo uma cultura fragmentada e mercantilizada. A alienação, um tema central no pensamento Simmeliano, está diretamente relacionada à cultura. Ele vê a cultura como o resultado da interação entre o espírito subjetivo – as experiências e ideias individuais – e o espírito objetivo – as normas, valores e produtos sociais. Contudo, na modernidade, essa interação se torna problemática, pois os objetos culturais perdem seu significado intrínseco e se transformam em meros instrumentos de uso. Nesse contexto, Tedesco (2007, p. 60) destaca que segundo Simmel “a modernidade [...] produz alienação da mesma forma que viabiliza a liberação do indivíduo, correlacionando esses processos”.

Embora Weber e Simmel tenham abordagens distintas, ambos contribuem para a compreensão das tensões culturais que surgem na modernidade. Suas ideias serviram de base para debates posteriores sobre identidade, mesmo que o conceito em si tenha se desenvolvido principalmente na modernidade tardia. Nesse ponto, as teorias de Stuart Hall²⁴ desempenham um papel importante, havendo características associadas ao que o autor denominou como identidade

²⁴ Stuart Hall foi um sociólogo jamaicano-britânico, que nasceu em 1932 na Jamaica e faleceu na Inglaterra em 2014. Ele se dedicou aos estudos da cultura de temas, como identidade e diáspora.

cultural na pós-modernidade, que dialogam com os trabalhos tanto de Weber quanto de Simmel²⁵.

Ao analisarmos “A identidade cultural na pós-modernidade” identificamos que Stuart Hall (2006) oferece uma análise da modernidade tardia e da pós-modernidade como momentos encadeados, especialmente em relação à cultura e à identidade. Diante disso, o autor destaca que as mudanças da modernidade levam a questionar “se não é a própria modernidade que está sendo transformada” (Hall, 2006, p. 9) e que estamos “pós” em relação a uma concepção essencialista de identidade, mas ainda lidando com os legados da modernidade.

Portanto, a partir da obra do autor, podemos analisar que apesar de ainda estarmos na modernidade tardia, já experimentamos elementos da pós-modernidade, como a intensificação da fragmentação das identidades. Nesse sentido, a modernidade tardia não rompe completamente com a modernidade, porém representa uma fase de transição, na qual as estruturas da modernidade, como o Estado e o capitalismo, continuam a existir, embora com crescente fragmentação e sob os desafios impostos pela globalização e pelas trocas culturais aceleradas que se intensificam na pós-modernidade. Na modernidade tardia, as instituições e identidades que organizavam o mundo moderno (como nações, classe social, e gênero) entram em crise, evidenciando a fragmentação, que existe desde a modernidade.

Sendo assim, na pós-modernidade parece haver um aprofundamento dessa crise, onde as identidades se tornam múltiplas, fluidas e provisórias. Portanto, para Hall a pós-modernidade não parece ser uma fase completamente distinta, mas um meio de analisar as condições culturais emergentes na modernidade tardia e na modernidade.

Nesse contexto, ao falar sobre a perspectiva da fragmentação na modernidade tardia Stuart Hall (2006, p. 16) cita David Harvey (1989, p. 12), destacando que esse autor “fala da modernidade como implicando não apenas um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente, mas como ‘caracterizada por um processo sem-fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior’”. Assim, a crise de identidade e a fragmentação, que se tornam mais evidentes na modernidade tardia e na pós-modernidade, são desdobramentos naturais de dinâmicas que começaram na modernidade.

No que diz respeito à cultura, Hall (2016, p. 20) a define como "o processo de produção e intercâmbio de sentidos entre os membros de um grupo ou sociedade". Ele explica que a cultura

²⁵ Hall (2006) fala sobre o protestantismo e cita Simmel quando discute sobre o nascimento e a morte do sujeito moderno.

depende de um "compartilhamento de significados", e que, para dois indivíduos pertencerem à mesma cultura, significa que eles "interpretam o mundo de maneira semelhante e expressam seus pensamentos de forma que um compreenda o outro" (Hall, 2016, p. 20). Na modernidade tardia, a cultura se torna mais plural e fragmentada, com as fronteiras culturais se diluindo cada vez mais devido à globalização.

Além da desagregação, houve um deslocamento do sujeito moderno na modernidade tardia, e as sociedades e as identidades desse período tem como uma de suas principais características a diferença²⁶ (Hall, 2006). Nota-se neste período uma intensificação das tendências da modernidade com uma reflexividade contínua (Giddens, 2002), enquanto na pós-modernidade, as identidades são vistas como completamente fluidas e fragmentadas, rejeitando qualquer núcleo fixo ou essência (Hall, 2006). A pós-modernidade, fortemente impactada pela globalização, representa um nível mais intenso de pluralidade e descentralização, sem a busca por uma continuidade ou narrativa central, sendo marcada pela descontinuidade (Hall, 2006).

Diante dessas reflexões, destacamos que, para Hall (2006), modernidade e pós-modernidade estão interligadas e compartilham a mesma base estrutural. Trata-se da modernidade que serviu de referência para as investigações sociológicas de Weber e Simmel e que continua em constante transformação.

6. IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE

Com o objetivo de darmos continuidade ao aprofundamento da discussão que o artigo se propôs destacamos que segundo apontamentos de Hall (2006, p. 73-74)

alguns teóricos culturais argumentam que a tendência em direção a uma maior interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e está produzindo aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural.

Nesse contexto, o autor (Hall, 2006, p. 24) ao buscar “mapear a história da noção de sujeito moderno”, propõe três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O primeiro tipo de sujeito tem como principais características a identidade

²⁶ Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta (Hall, 2006, p.6).

com núcleo fixo, autônomo, estável e imutável, voltado para a razão.

O sujeito sociológico, por sua vez, consiste na concepção adotada pela “sociologia clássica da questão” (Hall, 2006, p. 11) que defendia a identidade como um núcleo “que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (Hall, 2006, p. 11). Portanto, para o autor, nessa concepção “a identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (Hall, 2006, p. 11). Segundo o autor, essa perspectiva também estável do sujeito está mudando, uma vez que o núcleo do sujeito está se fragmentando em identidades diversas, muitas vezes contraditórias. Diante disso, Hall (2006, p.11) apontou que,

Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Assim, surge²⁷ o sujeito pós-moderno, cujas principais características são a fragmentação e o constante deslocamento da identidade²⁸ (Hall, 2006). Nesse sentido,

se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. **Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente** (Hall, 2006, p. 13, grifos nossos).

Simmel (1998a) já tratava de questões como essa quando analisou a cisão entre a cultura objetiva e a cultura subjetiva, dando ênfase à relação entre ambas. Nessa perspectiva, o autor destacou que, com as mudanças trazidas pela modernidade, a sociedade passou a produzir cada vez

²⁷ “A ideia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornaram totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar a estória do sujeito moderno. [...] Entretanto, esta formulação simples tem a vantagem de me possibilitar (no breve espaço deste livro) esboçar um quadro aproximado de como, de acordo com os proponentes da visão do descentramento, a conceptualização do sujeito moderno mudou em três pontos estratégicos, durante a modernidade. Essas mudanças sublinham a afirmação básica de que as conceptualizações do sujeito mudam e, portanto, têm uma história” (Hall, 2006, p.24).

²⁸ Essas identidades assumem perspectivas políticas, e o deslocamento “desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas” (Hall, 2006, p.6). Sendo esse um dos aspectos positivos que o deslocamento ajuda a construir.

mais artefatos culturais de vários tipos, como bens simbólicos; contudo a capacidade do indivíduo de experienciar essas riquezas culturais diminui cada vez mais, ocorrendo uma tendência ao empobrecimento subjetivo (Simmel, 1998a)²⁹. Apesar de Simmel sublinhar elementos de unidade do sujeito, ele também argumenta que a identidade já está fragmentada desde a modernidade, o que dialoga com o exposto por Hall (2006).

Diante disso, o autor evidencia que “nossa existência prática, insuficiente e fragmentária como ela é, obtém uma certa significação e coerência pelo fato de ser uma realização parcial de uma totalidade³⁰” (Simmel, 1998a, p. 7). Isto é, mesmo compreendendo a “sociedade” como uma unidade, Simmel percebia a subjetividade, vinculada às experiências de vida e vivências individuais, como fragmentada e já trazia em seus escritos a concepção do constante deslocamento.

[...] o dinheiro, está sempre lá, potencialmente, como objetivo alternativo. Disto vêm a inquietude, a febre, a falta de pausas na vida moderna, vida propulsionada pelo motor desenfreado do dinheiro que toma a máquina da vida um *perpetuum mobile* (Simmel, 1998b, p. 14).

Nesse contexto, da economia monetária como estímulo ao movimento perpétuo da máquina da vida, Simmel (1998b) também destaca o dinheiro como “o Deus da nossa época” (p. 14). Esse clássico entendia o dinheiro como um elemento material e simbólico que contribui para o processo de subjetivação, “possibilitando à personalidade, [...] uma reserva maximizada, permitindo a individualização e a liberdade” (Simmel, 1998b, p. 6).

Com relação a esse processo de subjetivação, ao analisar o impacto dos diversos estímulos sensoriais presentes nas grandes cidades, Simmel (1998a) enfatiza a necessidade de uma seletividade psicológica maior sobre o que permitimos nos afetar. Ele propõe um tipo específico de subjetivação, o qual chamou de atitude *blasé*. Esse conceito está ligado à indiferença e consiste no indivíduo se eximir de realizar julgamentos para lidar com a complexidade e a sobrecarga sensorial. Isso pode ser relacionado a diversidade de influências e informações que o sujeito da modernidade tardia tem que lidar.

Cabe destacar, que Hall (2006) menciona Simmel como um dos teóricos sociais da virada do século XIX para o XX, “[...] que visavam representar a experiência singular da modernidade”

²⁹ Isso parece dialogar também com o ideal aristocrático, do burguês culto que destaca a importância das vivências, como livros e viagens, cujo objetivo é o desenvolvimento da alma e destacava vários elementos de “empobrecimento cultural”. Isso está articulado a ideia de alienação marxista, mas enquanto para Marx o foco era a produção, para Simmel vincula-se a concepção das vivências.

³⁰ Essa questão da totalidade é questionada por Hall (2006), uma vez que para ele “a sociedade não é como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado” [...] (p. 17).

(p.33). Autores como ele desenvolveram obras que "[...] mostraram-se proféticas do que iria acontecer ao sujeito cartesiano e ao sujeito sociológico na modernidade tardia" (Hall, 2006, p.33).

O sociólogo ao apresentar os muitos movimentos significativos no pensamento e na cultura ocidentais, que influenciaram o surgimento dos tipos de identidade enunciados por ele, enfatizou o protestantismo. Concentrando-se na perspectiva do individualismo³¹, contribuindo para a formação do sujeito do iluminismo. Nesse sentido, o autor destaca que

A emergência de noções de individualidade, no sentido moderno, pode ser relacionada ao colapso da ordem social, econômica e religiosa medieval. No movimento geral contra o feudalismo houve uma nova ênfase na existência pessoal do homem, acima e além de seu lugar e sua função numa rígida sociedade hierárquica. Houve uma ênfase similar, no Protestantismo, na relação direta e individual do homem com Deus, em oposição a esta relação mediada pela Igreja. (Williams, 1976, p.135-136 *apud* Hall, 2006, p. 28).

Ao analisar os impactos histórico-culturais do protestantismo, Weber (2004) em "A ética protestante e o espírito do capitalismo", transcende a perspectiva do individualismo associado ao sujeito do iluminismo. Evidenciando também a fragmentação da subjetividade, "causada" pela ascese intramundana, desencantamento do mundo, multicausalidade, pluralidade de valores e racionalização.

Destacamos que Weber (2004) não analisa o capitalismo já formado, com os seus elementos de subjetificação, contudo o capitalismo moderno em ascensão na Europa Ocidental e nos Estados Unidos³². Em sua análise, ele não se propôs a valorar os dogmas protestantes³³, mas analisar seus "efeitos" histórico-culturais na construção do espírito do capitalismo. Esses "efeitos" não foram planejados, uma vez que não era o objetivo dos protestantes, principalmente da fé calvinista, influenciar o desenvolvimento do capitalismo moderno. Isso foi uma consequência não intencional.

³¹ Vale destacar que Hall (2006) não é reducionista em sua análise sobre o individualismo, pontuando: "Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos, mas que a individualidade era tanto "vívda" quanto "conceptualizada" de forma diferente. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais (Hall, 2006, p. 24-25). Além disso, o autor enuncia que "Algumas pessoas têm questionado se o capitalismo realmente exigiu uma concepção de indivíduo soberano desse tipo [...]. Entretanto, a emergência de uma concepção mais individualista do sujeito é amplamente aceita" (Hall, 2006, p. 28).

³² Segundo Weber (2004) o "Capitalismo" existiu na China, na Índia, na Babilônia, na Antiguidade e na Idade Média. Porém, faltava o *ethos* peculiar que ele atribuiu à ética protestante, em sua análise da ascensão do sistema capitalista moderno.

³³ Sublinhamos que os impactos das ideias relativas aos dogmas protestantes nos indivíduos foram possíveis, uma vez que consistem em valores institucionalizados, por meio do protestantismo. Sendo assim, as ideias só comandam os indivíduos quando estão instituídas, funcionando como trilhos de trem onde circulam os interesses.

No que tange à multicausalidade, que pressupõe a complexidade da realidade social, a ética protestante não foi a única causa do capitalismo moderno, mas proporcionou um contexto cultural para o seu desenvolvimento. Consistindo na “força motriz espiritual mais adequada, mas, em si, podem ambos muito bem ocorrer separadamente” (Weber, 2004, p. 51).

O ascetismo intramundano, como um dos aspectos relevantes dessa força motriz, articula-se à disciplina religiosa voltada à ética do trabalho árduo³⁴ como um modo de servir a Deus, indicando se os indivíduos estavam predestinados ou não à salvação. Além disso, era incentivado o controle rigoroso do comportamento pessoal, como a pontualidade, o afastamento das emoções e a frugalidade (Weber, 2004).

Na perspectiva religiosa, Weber (2004, p. 107) enuncia “a predestinação como fundamento dogmático da moralidade puritana no sentido de uma conduta de vida ética metodicamente racionalizada”. A racionalização dividia a vida em várias esferas com racionalidades diferentes, como econômica, política e religiosa. A predestinação e a vocação, no sentido de um chamado — [...] estimularam o “dever de conquistar na luta do dia a dia a certeza subjetiva da própria eleição e justificação” (Weber, 2004, p. 94). Notando-se assim, aspectos precursores da fragmentação da subjetividade.

O protestantismo analisado por Weber (2004), também colaborou para o desencantamento do mundo³⁵, o qual consiste no processo de desritualização. Esse processo foi proporcionado pela ideia da predestinação, que defendia não haver “nenhum meio mágico, melhor dizendo, meio *nenhum* que proporcionasse a graça divina a quem Deus houvesse decidido negá-la” (Weber, 2004, p. 88). Isso se desdobrou em um individualismo, pois “a relação do calvinista com seu Deus se dava em profundo isolamento interior” (Weber, p.90). As pessoas estavam predestinadas à salvação e poderiam ter sinais disso.

Esses sinais levavam a metas materiais e individuais, que foram internalizados de tal modo que mesmo com o declínio do dogma protestante permaneceram na conduta e na concepção de vida das pessoas (Weber, 2004). Além disso, de modo não intencional, o protestantismo ascético contribuiu para colocar o dinheiro no centro das interações sociais. Nesse sentido, “no que a ascese

³⁴ Weber (2004, p. 94) pontuou “o trabalho profissional sem descanso como o meio mais saliente para se conseguir essa autoconfiança”. Ele, e somente ele, dissiparia a dúvida religiosa e daria a certeza do estado de graça”.

³⁵ O desencantamento do mundo consiste em um processo parcial, visto que não há processos que sejam totais (Weber, 2004). Nesse sentido, há processos de reencantamento e permanência do encantamento. Na “Ética protestante e o espírito do capitalismo” Weber (2004) destaca a possibilidade de líderes carismáticos auxiliarem um reencantamento do mundo.

se pôs a transformar o mundo e a produzir no mundo os seus efeitos, os bens exteriores deste mundo ganharam poder crescente e por fim irresistível sobre os seres humanos como nunca antes na história” (Weber, 2004, p. 160). Portanto, impactando a formação do sujeito pós-moderno.

Considerando a discussão traçada até aqui, ao revisitar as contribuições de Weber e Simmel para o debate sobre identidade cultural e suas transformações, percebemos que ambos os teóricos já apontavam para processos de fragmentação que seriam intensificados na modernidade tardia e aprofundados na pós-modernidade. A racionalização e o desencantamento do mundo em Weber, bem como a tensão entre o espírito subjetivo e objetivo em Simmel, antecipam elementos que Stuart Hall explora ao tratar da multiplicidade, fluidez e instabilidade das identidades na contemporaneidade.

Nesse contexto, a subjetivação moderna, antes baseada na unidade e coerência, cede espaço a sujeitos marcados pela descontinuidade e pela necessidade constante de negociação identitária. Assim, a herança cultural da modernidade, com suas promessas de autonomia e liberdade, se revela ambígua, ao mesmo tempo que emancipa e aliena os indivíduos. A identidade cultural na pós-modernidade, portanto, não é uma ruptura definitiva com a modernidade, mas uma reconfiguração dinâmica e fragmentada das estruturas e narrativas que moldaram a subjetividade ao longo dos séculos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises desenvolvidas por Weber e Simmel continuam a ser relevantes para compreender as complexidades da identidade cultural pós-moderna, marcada pela fragmentação e pela fluidez. Embora nenhum dos dois tenha discutido diretamente o conceito de identidade, já que se trata de uma noção contemporânea, suas ideias oferecem bases conceituais e metodológicas que auxiliam nas discussões sobre o tema. Sendo a modernidade o “eixo de sentido” que fundamenta essa articulação. As ideias, desses autores clássicos, frequentemente precursoras, podem ser utilizadas de maneira crítica como esboços do que se pretende entender na contemporaneidade, de modo contextualizado às realidades locais, conforme enunciado por Guerreiro Ramos, evitando, assim, universalizações inadequadas.

Ao longo deste trabalho, discutimos como Weber, por meio de sua sociologia compreensiva e conceitos como a ação social e o tipo ideal, propõe instrumentos que podem auxiliar a perceber como os indivíduos constroem significados e identidades em um contexto social em constante

mudança, o que demanda permanente análise e reanálise. Em escritos como “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, podemos identificar concepções com o potencial de nos ajudar a entender a formação do sujeito moderno e suas implicações para a identidade na pós-modernidade.

No âmbito da obra de Simmel, sua sociologia formal, com foco no processo da socialização, traz discussões sobre a importância das interações sociais e das formas que elas assumem na construção da "sociedade" e da subjetividade. Seus apontamentos sobre a cultura objetiva e a cultura subjetiva contribuem para uma análise aprofundada sobre como os indivíduos internalizam e reinterpretam os elementos culturais, auxiliando o processo de constante desconstrução e construção da identidade. O dinheiro, nessa perspectiva, é uma importante ferramenta de subjetivação que estimula o movimento perpétuo da vida em seus diversos aspectos.

No contexto da pós-modernidade, conforme discutido por Stuart Hall, as identidades culturais são caracterizadas pela fluidez, pluralidade e fragmentação. Esse processo implica que os sujeitos se veem em constante deslocamento entre diversas representações e papéis sociais, lidando com identidades provisórias e contraditórias. A fragmentação pode ser percebida como um desafio, mas também como uma possibilidade de transformação social, já que a fluidez permite novas articulações identitárias e formas de resistência. Assim, as identidades na pós-modernidade não são apenas desestabilizadas, mas também abertas a novas possibilidades, alinhando-se à perspectiva de Hall de que a fragmentação pode gerar tanto riscos quanto oportunidades.

Assim, a escolha de Weber e Simmel se justifica justamente por suas reflexões antecipatórias sobre questões que autores como Stuart Hall viria a consolidar na discussão sobre identidade cultural na pós-modernidade. As análises de Weber sobre o protestantismo e o *ethos* individualista, bem como as contribuições de Simmel sobre a fragmentação do sujeito moderno em meio às dinâmicas da cultura objetiva e subjetiva, dialogam diretamente com o conceito de sujeito pós-moderno proposto por Hall. Ao articular essas perspectivas, este trabalho evidencia como os dois clássicos já apontavam, ainda que em contextos distintos, para a fragmentação e a fluidez identitária que se tornaram centrais nas reflexões contemporâneas de Hall.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jeffrey. A importância dos clássicos. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.). *Teoria social hoje*. São Paulo: Editora UNESP, p. 23-89, 1999.

COHN, Gabriel. *Crítica e resignação: Max Weber e a teoria social*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COHN, Gabriel. Introdução. In: COHN, Gabriel (org.). *Max Weber: Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

FUJITA, Mariângela Spotti; DE LIMA, Gercina Ângela.; REDÍGOLO, Franciele Marques. A interdisciplinaridade conceitual de contexto na perspectiva da representação do conhecimento. In: *Frontiers of Knowledge Representation*, v. 2, n. 2, p. 139-163, 2022.

GIASSON, Jocelyne. *A compreensão na leitura*. Lisboa: Asa, 1993.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. *Política, sociologia e teoria social: Encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 1998.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORAES FILHO, Evaristo. Formalismo sociológico e a teoria do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). *Georg Simmel: Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, p. 7-44, 1983.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *A redução sociológica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

SCHLUCHTER, Wolfgang. *Paradoxes of modernity: culture and conduct in the theory of Max Weber*. Stanford University Press: California, 1996.

SELL, Carlos Eduardo. Max Weber e o átomo da sociologia: Um individualismo metodológico moderado? In: *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 16, p. 323-347, 2016.

SIMMEL, Georg. Como as formas sociais se mantêm. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). *Simmel: Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, p. 46-58, 1983a.

SIMMEL, Georg. O campo da Sociologia. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). *Simmel: Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, p. 79-86, 1983b.

SIMMEL, Georg. O problema da Sociologia. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). *Simmel: Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, p. 59-78, 1983c.

SIMMEL, Georg. A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva. In: SOUZA, Jessé. ÖELZE, Berthold (orgs). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UNB, p. 41-77, 1998a.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, Jessé. ÖELZE, Berthold (orgs). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UNB, p. 23-40, 1998b.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade. In: SOUZA, Jessé. ÖELZE, Berthold (orgs). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UNB, p. 109-117, 1998c.

SIMMEL, Georg. O conflito como sociação. In: *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 10, n. 30, p. 568-573, 2011.

SIMMEL, Georg. O conceito e a tragédia da cultura. In: *Crítica Cultural*, p. 145-162, 2014.

TEDESCO, João Carlos. Georg Simmel e as ambigüidades da modernidade. In: *Ciências Sociais Unisinos*, v. 43, n. 1, p. 57-67, 2007.

TURNER, Charles. *Modernity and politics in the work of Max Weber*. Routledge: London and New York, 2005.

WEBER, Max. A “objetividade” nas ciências sociais e culturais. In: COHN, Gabriel (org.). *Max Weber: Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Licença e Direitos:

Repositórios e Ciência Aberta, direitos autorais de Sibele Souza Rodrigues, Natália Rodrigues Codeço Ribeiro, Letícia Gonçalves Mattos, Letícia Tostes Vieira Bolckau, Paulo Henrique Prado da Silva, 2025, licenciado sob [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

